



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 44

## **Linha de frente**

**Branca Vianna:** Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

A expressão "Linha de frente" – que é o tema do nosso episódio de hoje – é uma expressão que a gente tá acostumada a ouvir quando tá falando de guerra, né?

Nas guerras de antigamente, a linha de frente era uma coisa mais tangível. Pelo menos na teoria, tinha um ponto onde as tropas de cada lado iam se encontrar, e tinha uma primeira linha – a linha mais exposta – que estava atacando ou defendendo. Você sabia quando estava indo pra linha de frente. E você sabia quando estava saindo dela.

De uns tempos pra cá, essa estratégia de guerra caiu em desuso. As batalhas estão cada vez mais difusas, pulverizadas e até mais desiguais. Vieram os

ataques aéreos, os drones... vários conflitos acontecendo ao mesmo tempo, em vários lugares.

Mas a gente acabou adotando essa expressão "linha de frente" pra outros usos. A gente usa no futebol e em outros esportes, claro – mas usa também pra falar de alguém que tá na ponta de um conflito, de uma disputa – tanto no "corpo a corpo" quanto na intermediação diplomática, na conversa com o outro lado, enfim.

No primeiro ato de hoje, a Bia Guimarães conversa com uma mulher que tá na linha de frente de uma das disputas mais urgentes dos nossos tempos. E de uma consequência dessa trincheira da qual muito pouco se fala...

---

## ATO1

**Bia Guimarães:** Eu fiquei até meio sem graça quando eu escrevi pra Erika pedindo essa entrevista.

**Erika Berenguer:** Meu nome é Erika Berenguer, eu sou cientista.

Trabalho com impactos do desmatamento e do fogo na Amazônia. Sou baseada em Oxford, no Reino Unido, mas também passo metade do meu tempo, do ano, na Amazônia.

**Bia Guimarães:** Eu fiquei meio sem graça porque eu não estava indo atrás dela pra falar de desmatamento, de incêndio florestal, da destruição da Amazônia... Quer dizer, o assunto esbarra em tudo isso, mas o coração dele é outro. O Tinder.

Se você nunca usou um aplicativo de encontro – tipo Tinder, Bumble, Grindr –, eu só te digo uma coisa: é uma atividade que exige dedicação. Mais que dedicação, eu diria. Exige técnica e perseverança. Independente se você tá procurando alguém pra um relacionamento sério ou pra se divertir uma noite só.

Técnica porque você precisa criar um perfil que seja uma vitrine de quem você é, que seja capaz de atrair o tipo de pessoa que você tá procurando. É pensando nisso que você escolhe as fotos e as informações pra colocar na sua bio.

E perseverança porque, bom... não é fácil. É basicamente uma atividade de garimpo. Entre dezenas ou centenas de perfis, talvez você encontre uma pepita de ouro pra você.

E falando em garimpo, deixa eu voltar pra Erika. Eu fui falar com ela depois de ver um post que ela fez no Twitter.

**Erika Berenguer:** Bom, primeiro quero deixar bem claro que cientista, apesar das pessoas verem a gente como pessoas super sisudas, a gente vai na academia, malha, paga boleto e, como todos, a gente tenta ter uma vida sexual. O que às vezes não é compatível com a profissão, então a gente cai numas roubadas.

**Bia Guimarães:** Uns meses atrás, ela postou um print de uma conversa que ela teve com um cara... no Tinder.

**Erika Berenguer:** Eu estava em campo. E um final de semana, eu estava, assim, decidi abrir o Tinder e fiquei vendo os perfis. Era um

perfil de um músico, aparentemente. E dei o like e comecei a conversar com o cara. E daí a conversa vai, conversa vem... Só que nisso eu fui embora, já que eu não fico muito tempo num lugar, eu fui embora.

**Bia Guimarães:** Aliás, quase sempre que eu falo com a Erika ela tá em trânsito, indo ou voltando das pesquisas de campo.

**Erika Berenguer:** E ele ficou insistindo na conversa e eu falei: "Então, amigo, tá meio difícil, assim, porque eu estou entre, enfim, a Amazônia, o Rio de Janeiro, a Inglaterra". Ele: "Não, não tem problema. Um amigo meu tem um jatinho, ele tem uma loja de joias, ele vai sempre para o Pará. Aí, cara, o que acendeu de sirene aqui... Eu falei: "Meu Deus do céu!". Aí eu respondi assim: "Parece garimpeiro". E eu, né, achei que o cara ia me bloquear e tal. Mas não! Ele respondeu! E é isso que me deixou assim, descaralhada. Ele respondeu: "Acertou".

**Bia Guimarães:** "Acertou". Era isso mesmo, ele estava querendo encontrar ela usando o jatinho de um garimpeiro.

E, assim, acho que isso seria um balde de água fria pra muitos e muitas de nós. Mais da metade do ouro produzido no Brasil tem indícios de garimpo ilegal, então é impossível não acender um sinal de alerta. Mas esse alerta fica ainda mais gritante pra uma pessoa como a Erika. Que tá ali, na linha de frente da defesa da Amazônia, que tem no perfil do Tinder foto abraçando árvores enormes...

**Erika Berenguer:** Segurando besouro, entendeu? (Risos)

**Bia Guimarães:** No mundo dos namoros, paqueras e afins, cada pessoa tem seus valores inegociáveis. Coisas que são ou não aceitáveis num parceiro.

Pra ela, ser xavecada por um amigo de garimpeiro é levar uma facada no coração – e quando eu digo coração, no caso da Erika, eu tô querendo dizer Amazônia.

**Erika Berenguer:** É um valor inegociável (Risos). Eu fiquei, nossa, eu... a audácia dessa conversa me deixou um tanto quanto espantada.

**Bia Guimarães:** Espantada, mas nem tanto assim. Na verdade, ela já tá ficando acostumada com os sinais de alerta, que geralmente aparecem já no momento em que ela tá zapeando entre perfis.

É que pra investigar o impacto do desmatamento e do fogo na Amazônia, a Erika passa boa parte do tempo em áreas de expansão da fronteira agrícola. Aquelas regiões onde a agropecuária tá avançando pra cima da floresta.

Nessas redondezas, mesmo quando a Erika tá só querendo se divertir – e arejar um pouco essa cabeça que pensa muito em devastação e colapso climático –, o Tinder não deixa. Os sinais tão por toda parte.

Especialmente nos perfis que ela chama de agro boys.

**Bia Guimarães:** O que é o agroboby?

**Erika Berenguer:** O agroboby é aquela pessoa que se veste igual o Gustavo Lima. A pessoa que posa num quinhão de terra que não tem mais floresta, tá com aquela camisa xadrez, o chapéu, a calça jeans justinha, o cinto de couro e você não vê mais um vestígio de floresta amazônica.

**Bia Guimarães:** O problema pra Erika não é nem o estilo em si – ou não só o estilo em si. Nada contra calça justa e chapéu, muito menos camisa xadrez! Também não é um problema com quem trabalha no campo, a gente sabe que não dá pra generalizar.

O problema é o que vem junto com esse estilo. O que ele geralmente representa nessas regiões, onde tem muito terreno sendo aberto, muita floresta virando pasto e plantação de monocultura de soja, milho, algodão...

**Erika Berenguer:** Você tem uma estética que é a pessoa no meio de uma plantação de soja. E a soja é bom porque a soja é baixinha, então a pessoa parece ser alta quando está no meio da soja. Então é a pessoa no meio da soja e com uma caminhonete atrás. Então é um jeito de ostentação. Só que da mesma forma que eu vejo ostentação no Rio de Janeiro, na Inglaterra, só que nesses lugares a ostentação às vezes é um cara, a ostentação, às vezes é um cara com um Rolex, aí é uma foto do pulso assim. A outra é uma ostentação num carrão, aí é ele encostado no capô do carrão. Na Amazônia, eu vejo que essa ostentação, ela não é material, ela é territorial. É a pessoa no meio de uma terra que não tem mais a floresta, mas tem um commodity, e aquela terra está trabalhando para ele. Então é o mesmo tipo de objetivo, só que os meios para esse objetivo são diferentes.

**Bia Guimarães:** Pra montar a nossa vitrine nos aplicativos da vida, no geral a gente escolhe o que a gente tem de bom pra mostrar, ou os valores que são mais importantes pra gente. Você pode colocar foto escalando montanha ou numa festa com amigos pra mostrar que essas são coisas importantes pra

você. Você pode escrever no perfil que você é viciado em quadrinhos, que é vegetariano, que dá a vida pelo Corinthians...

As coisas que alguém escolhe pôr nessa vitrine dizem muito sobre ela, sobre como ela se coloca no mundo. E às vezes, zapeando no Tinder da fronteira agrícola, entre fotos de homens na plantação de soja ou com gado de fundo num lugar onde era pra ser floresta, ou mesmo segurando um bicho caçado ilegalmente...

**Erika Berenguer:** Já cansei de ver homens segurando duas pacas...

**Bia Guimarães:** A Erika se pega pensando: "É sério que esse cara escolheu essa foto pra se vender?", "são esses os valores que ele quer passar?".

**Erika Berenguer:** É do tipo humanidade numa mão, a minha vida sexual na outra e você olha e fala: "Gente, estou sem esperança por todos os lados".

**Bia Guimarães:** Nos casos mais críticos, a pergunta que fica é: ir num date com esse cara ou denunciar ele por crime ambiental? Uma escolha muito difícil.

Ano a ano a Erika tá vendo a floresta diminuir. E todos esses sinais, que insistem em perseguir ela até nos lugares mais inusitados, são como lembretes. Ou personificações do problema.

Mas mesmo longe da fronteira agrícola, em outros cenários e cidades distantes, onde o Tinder mostra outro cardápio de pessoas com outros tipos de ostentação... os sinais não vão embora, eles só mudam de cara.

**Erika Berenguer:** É complicado, porque eu vejo o relojão e o carrão, eu só fico vendo aquele ouro naquele relógio e pensando: da onde veio esse ouro? Então tudo acaba linkando de novo com a devastação na Amazônia.

**Bia Guimarães:** A Érika pode até sair da linha de frente do desmatamento, mas a linha de frente não sai dela. Já aconteceu de ela tá num date com um cara gringo e ele não entender direito que ela trabalha na Amazon floresta, e não na Amazon do Jeff Bezos. Já aconteceu de ela ter que explicar porque que a defesa da Amazônia é tão central na vida dela – e na vida do planeta.

**Erika Berenguer:** Eu já tive algumas conversas interessantes, que primeiro tentaram me convencer que mudanças climáticas não existem. O que é maravilhoso, porque esse é o meu trabalho...

**Bia Guimarães:** É, pensando bem, melhor mesmo que todo mundo coloque na vitrine do Tinder tudo o que representa elas. Mesmo que seja boi avançando em área de floresta, jatinho de garimpeiro, vestígio de caça ilegal... Assim pelo menos dá pra ela desviar. Ou tirar uns prints pra rir depois – de desespero, claro.

**Erika Berenguer:** O que as pessoas fazem num sábado à noite? Algumas transam. Eu vejo foto dos outros (risos). Eu fico olhando e falando: "Geeente, antes só do que mal acompanhada".

---

**Branca Vianna:** A Bia Guimarães é produtora sênior da Rádio Novelo.



Pra nossa próxima história, eu fui falar com uma mulher que tá numa linha de frente completamente diferente da Erika Berenguer, a milhares de quilômetros da Amazônia.

E, como o trabalho dela é bastante sensível – como você vai ouvir – a gente mudou alguns detalhes pra ela ficar menos identificável.

Aliás, fica o aviso de que essa história trata de temas sensíveis. Vamos a ela.

---

## ATO 2

**Branca Vianna:** Num primeiro momento, a Ruth estava muito feliz de ter um emprego.

**Ruth:** Eu entrei na empresa literalmente uma semana antes das restrições e tal.

**Branca Vianna:** Sabe, março de 2020. Aquela história que a gente tá cansada de ouvir, e de contar, e de recontar. Pessoas se cumprimentando com o cotovelo, trabalho remoto, máscaras ruins. Muita gente perdeu o emprego, muitos lugares fecharam. Mas felizmente, o novo trabalho da Ruth dava pra fazer de casa.

**Ruth:** Então eu já comecei trabalhando em casa. Uma loucura toda, um caos, um caos, um caos, isso sim, isso do tipo sozinho dava uma história do caos que foi. E depois eu entrei nesse projeto em maio de 2020, qualquer coisa assim. O primeiro que eu estava acabou e pronto, me

transferiram pra esse. No caso até eu, por inocência, pedi pra ir pra isso.

**Branca Vianna:** A empresa onde ela estava era da área da tecnologia. Mas talvez do lado menos glamuroso dessa indústria.

**Ruth:** São aquelas empresas que trabalhavam só com call center, sabe? Atendimento ao cliente e tal.

**Branca Vianna:** Quando a gente fala nos avanços tecnológicos das últimas décadas, muita coisa diferente pode vir à cabeça. Por exemplo: uma linha evolutiva dos aparelhos. Começa com aquele computador que parece uma geladeira... depois um que parece uma TV de tubo... e por aí vai. O celular tijolão que vai ficando cada vez menor... e aí vira um mini-computador de bolso, e ficando cada vez maior, quase um tablet. Os softwares e os aplicativos que vão ficando mais sofisticados. Os sites e os serviços que vão aparecendo.

Mas por trás de cada inovação dessas, tem esse lado bem prosaico. O tanto de gente que precisa ter atendendo o telefone... porque, sei lá, o código de ativação do seu software de declaração de imposto de renda não tá funcionando.

E ao longo da última década, uma parte dessa massa de trabalho começou a ser exigida pra outras funções.

**Ruth:** É uma profissão nova. Eu acho que nem é considerado uma profissão sequer ainda, tipo um cargo, te jogam lá e 'execute'.

**Branca Vianna:** Essa profissão – ou esse cargo, ou essa bucha – que caiu no colo da Ruth, se chama "moderação de conteúdo". Não é uma função tão nova assim – em termos das eras geológicas da internet. Desde que começaram a existir comunidades online, fóruns e tal, essa função começou a ser exigida.

Tipo, você tem um fórum feito pra discutir receitas de bolo e tem um cara comentando só a palavra “cocô” sem parar. Alguém tem que ser o moderador que vai lá tirar ele.

Num primeiro momento, isso era basicamente feito por voluntários. Membros da comunidade que ficavam responsáveis por filtrar o conteúdo e garantir que o propósito da comunidade estava sendo respeitado. O Reddit é assim até hoje, né.

Mas quando essas comunidades começaram a ficar grandes... muito grandes... do tipo, bilhões de usuários... a coisa teve que ficar muito profissional. Envolvendo muita gente, muitos funcionários dedicados a isso. E, em maio de 2020, a Ruth virou uma dessas pessoas. No começo, tudo que ela sabia é que ela ia trabalhar com “conteúdo sensível”.

**Ruth:** É um terreno muito amplo. É um conceito muito amplo, eu acho, "conteúdo sensível".

**Branca Vianna:** Bem amplo mesmo. A Ruth agora fazia parte de um exército de faxineiros que estavam incumbidos de manter uma grande rede social relativamente limpinha. Sem conteúdo que ofendesse as pessoas.

E esse exército é transnacional, né? Porque todas essas plataformas são globais. Mas o batalhão da Ruth, por questões linguísticas e até culturais, lidava só com o mercado brasileiro.

Ah, e aqui a gente não vai poder falar o nome da empresa em que a Ruth trabalhava, nem o nome da grande rede social, nem o nome dela completo. Imagino que você entenda por quê. Mas vamos lá.

Sabe quando você vê um post que você acha que tem coisa que está infringindo as regras da rede, e você clica lá e reporta pro site? Imagina esse pedido, com esse post anexo, viajando pelas veias da internet e caindo na tela da Ruth. É ela quem tem que decidir se esse negócio fica ou se vai.

**Ruth:** Então a gente se depara muito com perfis que são assim, uma suástica. Muito, são dezenas. É por dia mesmo, dezenas.

**Branca Vianna:** Suástica. Essa parece fácil de decidir, né? Não pode.

**Ruth:** De repente você tem um nickname Vitor Hitler, sabe? Exato. Então a gente tem que tirar aquilo porque, né? Pronto, é um crime, né? De acordo com a legislação brasileira, e aqui também, é um crime fazer alusão ah, pronto, defender esse tipo de coisa. E o que a gente faz é limpar o nickname, limpar a fotografia ou a foto do perfil da pessoa.

**Branca Vianna:** Eu já dei um alerta antes dessa história começar, mas fica um reforço aqui de que, daqui em diante, vai tudo ladeira abaixo, gente.

**Ruth:** Alusão a pedofilia. "Gosto de meninos de 12 anos".

**Branca Vianna:** Vídeos de estupro.

**Ruth:** Sim, sim, sim.

**Branca Vianna:** Você já viu isso?

**Ruth:** Já, já vi. Já vi de pedofilia, já vi. Acho que basicamente qualquer coisa esquisita que você pergunte eu acho que eu posso responder sim.

**Branca Vianna:** Você lembra da primeira vez que você viu o vídeo desses? E como foi a tua reação? Quando foi?

**Ruth:** 2020.

**Branca Vianna:** Logo no começo?

**Ruth:** Assim, "pum", você já entra e já tá.

**Branca Vianna:** A Ruth não entrou em grandes detalhes sobre o que ela viu naquele dia. Nem eu pedi. Mas o pouco que ela me contou foi o suficiente pra deixar uma marca em mim. E eu acho que eu não preciso repassar essa marca pra você.

Basta dizer que foi uma menina de sete anos sendo estuprada. Uma coisa que mexe com a gente só de pensar. E de repente tá ali, na tela do seu computador. Você vai lá e deleta, mas ele fica. Dentro de você. Marcado na sua pálpebra.

E uma coisa que você pode pensar é: se uma pessoa posta um vídeo assim, provavelmente não deve ser o único. Tem que ir atrás.

**Branca Vianna:** Quer dizer, você não tem acesso a saber se aquela pessoa tem dez vídeos assim, se são todos com a mesma criança, se tem outras crianças...

**Ruth:** Não, não tem acesso.

**Branca Vianna:** Não tem nenhum esquema, num caso como esse, por exemplo, você vê uma menina de sete anos sendo estuprada, você.. Não tem uma obrigação da empresa, ou a empresa terceirizada ou outra de mandar isso pra polícia?

**Ruth:** Não, aparentemente não. Não tem nada que indique aquilo. Na minha primeira supervisora, eu perguntei para ela, eu falei: "Mas o que acontece?" Ela falou: "Ah, sai do ar". Eu falei: "Sim, e a polícia, não é acionada? Afinal, tem um perfil aqui compartilhando pornografia infantil." E ela: "Ah, sai do ar." Aí você sabe que você vai tirar aquele vídeo, que aquilo vai sair do ar, mas que a pessoa que compartilhou vai continuar ali com a internet, com a conta.

**Branca Vianna:** A Ruth tá na linha de frente, mas ela não consegue fazer nada pra estancar a sangria. Nada pra ir na raiz do problema. Ela só recebe um post atrás do outro. E tudo que cabe a ela é decidir se fica ou se vai.

**Ruth:** Aí depois quando você vê o segundo, você vê o terceiro, então você acaba meio que não é que você aceita aquilo, mas é o seu trabalho e você vai do tipo criando uma casca, o que é bem problemático também. Eu até digo assim para algumas pessoas que

me perguntam, pra mim é um relacionamento tóxico esse trabalho, em que no começo era uma coisa, eu estava agradecida de ter um trabalho, afinal, o mundo estava caindo pelos pedaços, assim, todo mundo desesperado, sendo demitido, enfim, apocalipse. E aí depois eu comecei a repetir para mim mesma, "não, é tipo um filme, isso não é real". Para ver se eu acalmava o meu coração em relação a tudo o que eu estava vendo, lendo, ouvindo. Porque dependendo do que eu estou trabalhando no dia, tem som. Então então é um agravante.

**Branca Vianna:** Teve um ensaio em áudio feito por um autor cego que eu ouvi faz um tempinho. Era sobre ser cego e ser negro, e como essas coisas influenciavam uma à outra. Como as pessoas tratavam ele quando percebiam que ele era cego, e como que isso afetava a maneira como elas já tratavam ele por ser negro.

Mas o que eu queria falar aqui é uma coisa que ele diz sobre aqueles vídeos que mostram pessoas negras sendo brutalizadas e mortas pela polícia. Vídeos que pipocam nas redes sociais, vídeos que são denúncias essenciais, mas ao mesmo tempo são das piores coisas que um ser humano pode assistir.

Esse cara dizia que, quando ele foi assistir – ouvir, no caso, porque ele é cego – o vídeo da morte do George Floyd, ele teve que parar. Porque o som reverberava dentro dele. O som era mais difícil de tirar da cabeça do que qualquer outra coisa.

Aquele vídeo do estupro que a Ruth viu não tinha som. Mas em outros casos, o som era a pior parte.

**Ruth:** Então você está acompanhando no vídeo, sei lá, uma pessoa cavando um buraco ali na terra e tem uma voz falando: "Cava mais fundo" e enfim, "vagabunda, você vai morrer". Qualquer coisa assim. Você não vê a arma, você não vê a pessoa morrendo, mas você está ouvindo alguém dando ordem para aquela pessoa. Cavar o quê? A própria cova.

**Branca Vianna:** Então agora em dez minutos de conversa a gente já tem estupro de criança de sete anos, outros casos de pedofilia, gente sendo assassinada e filmada e colocado na internet, e nazistas com suásticas enormes tipo Vitor Hitler.

**Ruth:** Tem de tudo, né? A verdade é que tem de tudo.

**Branca Vianna:** Talvez você esteja pensando: gente, mas não é possível que um robô não possa fazer isso. Robô serve pra tanta coisa! Por que não poupar os seres humanos?

O que a Ruth me explicou é que tem robô e humano trabalhando juntos.

**Ruth:** É uma mistura de nós trabalhamos com um robô que faz uma certa filtragem, então, seja por imagem, pela tela ou pela cara da pessoa, no caso dos menores de idade menores de 13 anos, seja pelo comentário, pela palavra "celular", "vagabunda" ou "SMT", do tipo de se mata.

**Branca Vianna:** Que é por aí, perai, perai, perai, volta, volta. Não conheço isso.



**Ruth:** Eles fazem siglas às vezes para falar as coisas. Então SMT que é “se mata”, “se mate”, enfim. Então acho que o robô na verdade filtra determinadas coisas e passa para os seres humanos.

**Branca Vianna:** E por que o robô não deleta logo direto?

**Ruth:** Então, é uma mistura, né? É um trabalho combinado, porque eles dizem como se a gente só tivesse moderando o conteúdo. Mas na verdade a gente está ensinando a máquina, porque a máquina filtra e a gente confirma ou não que ela filtrou. E como são sempre as mesmas coisas, é diário. Na verdade, a gente está do tipo ensinando a máquina. Estamos ali clicando sempre na mesma coisa, sempre nas mesmas políticas. Aí vem o SMT ou se mata escrito por inteiro. A gente vai lá marcar o suicídio que está promovendo o suicídio. Então, todo dia o SMT: promovendo suicídio, promovendo suicídio. Então a máquina está aprendendo com a gente.

**Branca Vianna:** Entendi. Então cada conteúdo problemático, digamos assim, no mínimo, né? Cada conteúdo horroroso, cada conteúdo horroroso que vem para você, você tem que marcar que tipo de conteúdo ele é. E aí vai treinando a máquina. Então você marca a pedofilia, assassinato, suicídio, incentiva ao suicídio. Sei lá, nazismo. Tem várias caixinhas que você tem que marcar, é isso?

**Ruth:** Meio que caixa. A caixa é uma boa forma de falar assim, mas colocar numa caixinha certa. Sim, discurso de ódio. E o racismo está dentro dos discurso de ódio como está ali, a depender da forma como você fala do nazismo, ele entra também no discurso de ódio ou na promoção de ideologias e tal. Ele também pode entrar como uma promoção de ideologia, dependendo do caso. Mas sim, eles vão para

essas caixinhas. Aí você tem um vídeo de uma pessoa e está xingando ela de porca, de cachorro, o que for. Você vai entrar numa questão de bullying ou harassment, no caso de assédio. No caso sexual também tem uma parte específica aí.

**Branca Vianna:** Conversando com a Ruth, eu lembrei daquela série Severance, sabe? Ruptura, em português.

Pra quem não viu, e sem dar spoiler: nessa série, tem um time de funcionários que trabalha o dia todo, todo dia, botando números em caixinhas. Eles têm que decidir qual número vai em qual caixinha. E eles fazem essa triagem pelo que eles sentem do número.

Se o número provoca medo, ou felicidade, enfim. E eles meio que desconfiam que esses números podem estar mascarando alguma coisa. Mas tudo que passa é o sentimento.

Infelizmente pra Ruth, a gente ainda não chegou naquela distopia específica. Não tinha nada protegendo ela do conteúdo que chegava. E tudo que a gente falou até agora estava indiscutivelmente infringindo as regras da grande rede social. Mas teve um tipo de conteúdo que foi particularmente difícil pra Ruth – e não porque fosse violência muito gráfica.

**Ruth:** Foi em janeiro de 2021, que foi quando a Argentina descriminalizou o aborto. Não só descriminalizou como tornou o que realmente é, que é um caso de saúde pública. E o mercado brasileiro ficou histérico. Comentários como: "Não quer engravidar, fecha a perna". Então assim foi. Foi especialmente difícil e a gente tinha que... que esse foi um pouco dúbio. Assim não foi 100%, tipo: "Ah, vamos marcar como discurso de ódio, como um ataque às mulheres", porque

estava gerando um hype. Eu acho que a rede que eu trabalho queria – não queria eliminar 100%, sabe, colocar como se isso fosse um ataque às mulheres. Então foi um momento bem complicado assim pra mim pessoalmente.

**Branca Vianna:** Foi complicado sobretudo porque pra Ruth, estava claro que esse tipo de post infringia as regras. Mas pros chefes dela, não era assim.

**Ruth:** A coisa ficou um pouco assim: "Não façam nada e deixa rolar, sabe?".

**Branca Vianna:** A Ruth foi ficando cada vez mais aflita com o papel dela em tudo isso. E o salário não estava exatamente valendo a pena.

**Ruth:** A gente ganha como se estivesse atendendo o cliente, uma reclamação de um produto que não chegou. Ou qualquer coisa assim. Não é considerado insalubre.

**Branca Vianna:** Não é?

**Ruth:** Não, não é considerado insalubre.

**Branca Vianna:** A empresa reconhecia que esse trabalho podia ser emocionalmente pesado. Tinha psicólogo disponível, e diziam que se alguém ficasse desestabilizado depois de ver alguma coisa, podiam ouvir uma música, tentar distrair a cabeça.

**Ruth:** Você coloca ali um tal Bob Marley, mas depois os supervisores e os gestores do projeto dizem que a gente não pode abrir nada além dos programas para o nosso trabalho. E se você fica de tipo, não sei,

cinco, dez minutos parado, vamos dizer que você vai dar uma volta, respirar, passar um chá, porque realmente aquilo te deixou um pouco alterado... eles te questionam por que você não estava... porque que naqueles dez minutos você estava inativo, vamos dizer assim. Então...

**Branca Vianna:** Na prática, não dá.

**Ruth:** Quer dizer, você não pode levantar, você não pode parar.

**Branca Vianna:** Só que, lembra? Meio da pandemia, todo mundo só feliz de ter um salário, por menor que fosse, caindo na conta. E a Ruth percebeu que ninguém em volta dela estava podendo reivindicar condições melhores. Muita gente estava numa situação vulnerável.

**Ruth:** São pessoas assim, que no geral ganham muito mal e que têm medo de perder os seus empregos. Então não reclamam, aceitam tudo. Então eu acho que é um pouco de medo mesmo. "Vou reclamar e o que vai ser feito de mim?".

**Branca Vianna:** É um cálculo de custo-benefício, né.

**Ruth:** Desde que eu comecei esse trabalho, normalmente eu acordo ansiosa. Eu durmo 5 da manhã, eu trabalho de madrugada.

**Branca Vianna:** E o custo de tudo isso, todas essas noites vendo coisas que não dá pra desver, começou a pesar.

**Ruth:** Eu tive umas crises de pânico.

**Branca Vianna:** Que começaram tanto tempo depois de você começar esse trabalho?

**Ruth:** Na verdade, eu fui ter a primeira crise de pânico mesmo, de sair da caixinha, em dezembro do ano passado.

**Branca Vianna:** Dezembro de 22?

**Ruth:** Dezembro de 22. E aí eu tive a segunda agora, dez dias atrás.

**Branca Vianna:** Depois de um ano e meio, a coisa desandou.

**Ruth:** Eu estava em casa. Era noite de Réveillon, eu estava me arrumando pra ir pra casa da minha família. E eu comecei a me arrumar e de repente, quando eu percebi, eu estava girando dentro de casa. Eu não conseguia decidir minha roupa e comecei a girar, girar, girar. E aí eu comecei a me olhar no espelho e aquilo começou a me causar um mal estar. Então toda vez que eu me olhava no espelho, tentando me arrumar, eu tinha que me olhar no espelho. Aquilo começou a me gerar mal estar e eu pedi ajuda para minha namorada. Eu falei: "Cara, não estou bem, tem alguma coisa esquisita". Hiperventilando, sentindo umas ondas assim no corpo, enfim. E precisei ir ali... se eu estivesse sozinha, eu estava embaixo da cama até hoje. Eu falei: "Hoje ou amanhã, ou por quanto tempo for, não sei", mas eu falei: "Eu não tenho condição de ligar esse computador mais". Então eu acabei indo no centro de saúde. Expliquei aos prantos. Eu cheguei, a mulher me falou: "Oi", eu já comecei a chorar.

**Branca Vianna:** Eu vou abrir um parêntese aqui pra falar de uma descoberta científica que aconteceu nos anos 1870. Era a descrição de um novo tipo de doença – e quem descreveu foi um médico americano com um nome bem brasileiro – o Jacob Mendes da Costa – estava estudando veteranos da Guerra Civil americana, que tinha acabado fazia poucos anos. E ele identificou um conjunto de sintomas que tava afetando esse grupo de soldados: dores no peito, fadiga, palpitações... No começo, tudo isso era chamado de “coração de soldado”. Depois dos estudos do Dr. Jacob, virou “síndrome de Da Costa”.

Corta pra algumas gerações mais tarde, Primeira Guerra Mundial. Uma guerra de proporções muito maiores – mais soldados do que nunca com os sintomas da “síndrome de Da Costa”. Mas tinha feridas que os médicos demoraram a entender.

Os soldados que voltavam fisicamente intactos, mas claramente alterados. Os olhos deles não conseguiam focar. Eles tinham palpitações cardíacas. Às vezes eles não conseguiam andar, falar, fazer nada. Nem dormir. Os médicos chamavam de “shell shock” – o choque sofrido por quem vivia em meio a bombas caindo. Hoje, a gente chama tudo isso por um nome que você já deve ter ouvido por aí: estresse pós-traumático.

Esse diagnóstico foi sendo refinado e melhor entendido através das guerras – porque cada conflito produzia uma nova leva de pacientes. Mas foi ficando claro que esses sintomas não vinham só do campo de batalha. Ou melhor: o campo de batalha não precisava ser literal. Podia ser um relacionamento abusivo. Um ambiente tóxico. Ou uma batalha travada inteiramente na tela de um computador.

**Ruth:** Eu acho que eu não sou uma pessoa depressiva e nem acho que eu me tornei uma pessoa depressiva com esse trabalho.

**Branca Vianna:** Depois que a Ruth teve aquela crise de pânico, ela conseguiu uma licença de alguns dias.

**Ruth:** Eu já tinha o sentimento de que eu tinha que pedir a baixa, mas eu ficava assim: "Não, eu consigo mais um pouco, eu preciso desse trabalho, eu consigo mais um pouco, eu sou forte". Aí veio essa última crise de pânico. Eu falei: "Não, não sou forte, eu preciso de ajuda".

**Branca Vianna:** A Ruth ficava tentando distrair a cabeça, vendo TV em casa.

**Ruth:** Terminou o jornal e eles vão começar uma especial da maçonaria ali nos anos 40, segunda guerra Mundial, ditaduras na Europa e apareceu uma suástica e eu comecei a hiperventilar e aquilo começou a me dar náuseas. Eu ainda não tinha visto uma suástica desde que eu tinha recebido a baixa, e quando apareceu a cara do Hitler, eu já fiquei desesperada. "Desliga a televisão, desliga a televisão, desliga a televisão!". Eu falei: "Não, não tem condição. Eu ainda não estou pronta para ler um livro de história". Eu já era do time, assim: "Vem, meteoro!" Então agora: "Vem chuva de meteoros, destrói logo tudo".

**Branca Vianna:** A Ruth quis falar com a gente porque, por mais que ela tenha dado um tempo do emprego, são milhares de pessoas fazendo esse trabalho no mundo todo, todo dia.

Lidando com o lixo tóxico da internet sem luva, sem máscara, sem capacete, sem qualquer equipamento de proteção individual. E a guerra pra manter a internet limpa não tem data pra acabar.

---

**Branca Vianna:** O nosso terceiro ato de hoje é sobre a experiência de crescer numa linha de frente – e o momento em que você se dá conta disso.

Quem conta essa história é o Victor Manoel.

---

### ATO 3

**Victor Manoel:** Minha vó sempre falava sozinha. Não era o tempo todo, mas acontecia muito. Virou até piada na família. Meu pai dizia que ela fazia isso desde que ele se entendia por gente. Quando tu via, lá estava ela, olhando pro nada com o olhar bem fixo e falando. Bem baixinho. Quase parecia uma reza, mas não era.

Ela não estava rezando, nem conversando. Era mais próximo de um monólogo, mas muito intenso e muito focado. Hoje eu gosto de pensar que talvez ela estivesse jogando um feitiço. Mas o que quer que ela tivesse falando, era uma coisa muito íntima. Ela não deixava ninguém chegar perto nessas horas. Na verdade, a única pessoa que ela deixava era eu.

Minha vó era o centro da família. Ela tinha acumulado uma pensão de professora e a pensão de trabalhador rural do meu vô, então ela dava um chão financeiro pra todo mundo. Mas ela também exercia uma força gravitacional. Tudo passava por ela. Nada passava ao largo dela.



Eu e ela, a gente era unha e carne. É meio feio dizer isso, mas eu tenho quase certeza que eu era o neto preferido dela. Lembro de ver ela de costas, com o vestido batendo na perna, indo em direção ao mercadinho perto de casa pra comprar alguma coisa que eu queria. Seja um brinquedo ou um docinho. Teve uma vez que ela gastou dez reais em figurinha só pra mim, e eu me senti a criança mais mimada da face da terra.

Depois da escola, eu ficava sentado do lado dela na varanda de casa ou num trapicho que dava pro mato. Nossas tardes eram meio ecléticas. Primeiro, a gente lia a Bíblia juntos. Depois, eu fazia uma troca de figurino. Eu tirava meu calção velho, geralmente comprado de um primo mais abastado, e botava algum dos vestidos dela, os mais coloridos e estampados. Lembro que amava um com tons vermelhos e um tecido bem fino. Ela nunca se incomodava de emprestar.

Nessas horas, eu virava a Angélica cantando “Vou de Táxi”, ou a Patrícia apresentando o “Roda a Roda”, ou a Thalia na abertura de Maria do Bairro. Dependia do que tinha visto no dia. E ela sempre, sempre morria de rir. Foi assim até os meus 9 anos. Eu, a minha vó, a Bíblia, os vestidos, a Angélica.

Quando meu pai passava, ele fazia cara feia. Os vizinhos viam e me zoavam. Mas minha vó não ligava, e isso me dava o direito de não ligar também. E sempre vinha aquele momento da minha vó sair de cena. Bíblia fechada, olhando pro vazio, pro mato, pro céu, falando alguma coisa bem baixinho. Por mais que eu tente hoje, por mais que ela me deixasse ficar do lado dela, eu não lembro o que eu ouvia.

Eu cresci em Cruzeiro do Sul, uma cidade que fica no extremo oeste do Acre, quase na ponta final da única estrada que atravessa o estado. Do trapicho da

minha casa, dava pra ver todo o nosso bairro, uma cratera enorme, recheada de casas de madeira, e muito verde. A cidade toda é uma coleção de barrancos e um sobe-e-desce de ladeiras nas margens do rio Juruá, que corta a cidade em dois.

Meu pai cresceu num ponto mais alto do rio Juruá, uma comunidade ribeirinha chamada Boa Fé, que já é no Amazonas. As histórias que o pessoal contava sobre Boa Fé eram o mais próximo de conto de fadas que eu já ouvi. Parecia um lugar mágico, onde a realidade já não era uma coisa tão firme assim.

Uma tia minha jurava que ela tinha visto várias vezes boto virando homem. E o meu pai sempre me contava a lenda do “batedor”, que é assim: se você, numa noite, ouve alguém batendo na água, lá no rio, tem uma coisa que não pode falar: “bate mais perto!” Porque aí o barulho vai se aproximar um pouco. Ai, se você falar, “bate mais perto!” ele vem mais pertinho da margem. Se você pedir mais, ele sai da água e bate no chão. Se você pedir de novo, daqui a pouco ele bate na parede do seu quarto. E se você pedir mais uma vez, o batedor te leva embora.

E tinha uma história que eu ouvi tanto da minha vó quanto do meu pai. Essa era sobre um homem muito cabeludo, cheio de cabelo no corpo todo, que aparecia lá na beira do rio. A minha vó via ele às vezes, mas se ela tava com o meu pai, que era o caçula dela, era quase certo. Eles me contavam sobre um dia em que esse homem cabeludo apareceu na beira do rio. Ele estava lá na água, olhando pra eles. E, de repente, ele deu um salto, que nem um boto, e chamou meu pai pelo nome. Minha vó agarrou meu pai bem firme, bem firme mesmo, e correu com ele pra longe dali.

O meu pai contava essa história rindo. Mas a minha vó contava com toda a seriedade do mundo. Pra ela, foi o dia em que ela salvou a vida do filho.

Minha vó morreu em julho de 2011. Não foi do nada. A gente viu ela mudar de casa em casa. Da minha, pra da minha tia, pra da minha outra tia, até o hospital. Era um dia de sol, eu tinha acabado de chegar da escola. Meu pai estava destruído.

No dia do velório dela, ninguém estava de preto. As pessoas não vestiam preto nos velórios, não sei se por causa do calor. Eu, por exemplo, estava com uma camiseta do Homem-Aranha. Nesse dia, eu quase não chorei. Eu lembro que cheguei na igreja, fui ver ela no caixão, dei uma choradinha, e fui brincar com os meus primos.

Minha vó tinha morrido de manhã, e o velório varou a noite. Eu estava deitado num colchão no chão da igreja, na salinha de estudos bíblicos. Estava muito quente, mesmo sendo o meio da noite. Não sei a hora, não olhei o relógio. Mas podia ter sido qualquer hora da madrugada, só sei que estava muito escuro. Meu primo me acordou e me puxou pro lado de fora. Tinha três pontinhos brilhando no céu, parecendo estrelas um pouco maiores que o normal, com as bordas avermelhadas. A gente tinha certeza de que eram discos voadores.

Eu acreditava muito em ET. Nos jornais locais, parecia que dia sim, dia não, vinha uma reportagem sobre um avistamento de OVNI em algum canto da Amazônia. Algum desenho nas plantações, algum sinal de vida lá fora.

Eu era o mais medroso dos primos, mas naquela noite eu não senti medo. E eu lembro de olhar pra aquelas luzes e pensar: "Será que foi a vó que chamou eles?"

Depois da morte da minha vó, foi a minha vez de ficar falando sozinho. Eu não queria saber de ninguém. Nessa época, eu brincava muito sozinho. Eu ficava no quintal, embaixo da caixa d'água, que era o único canto de sombra. E eu ficava narrando minhas aventuras imaginárias naquele canto de sombra, falando baixinho com o olhar meio perdido. Eu era um Mestre Pokémon ou um Vingador, na maior parte das vezes, tentando salvar o universo como qualquer criança de nove ou dez anos.

Era mais fácil brincar sozinho, mais fácil falar sozinho, do que tentar compartilhar meu mundo com mais alguém. Mas quem me visse de longe devia achar que a esquisitice da minha vó tinha passado pra mim.

Lembro que, nessa época, a gente só não passou fome graças à igreja e aos meus tios. Os meus pais ficaram mais violentos, mais distantes. E não tanto tempo depois, uma coisa foi ganhando força. Ao redor da casa e dentro dela.

Primeiro, um dos meus tios começou a usar droga. E era só isso. Só "droga". Ninguém falava o que era. Eu lembro dele chegando drogado e nu, meio nonhado, meio morto, numa noite em que toda a família estava reunida no sítio dos pais da minha mãe. Depois de um tempo, ele abandonou a mulher e a filha pequena.

Eu lembro do meu pai saindo no meio da madrugada pra socorrer ele porque tinha se metido numa briga. Os filhos da vizinha também começaram a usar. Acharam uma arma no guarda-roupa de um outro tio meu.

E se eu demorasse muito pra voltar pra casa, os meus pais me batiam. Hoje em dia eu não deixo de achar tragicômico, porque eles me batiam com uma "tauba" de madeira que tinha meu nome, VICTOR, escrito num lado, e o nome

da minha irmã, JAMILE, escrito no outro. Eu tinha mais medo daquilo do que de uma bala!

Aos poucos, mas não tão devagar, a minha família foi se transformando. Tinha parentes andando com gente “da pesada”. De repente, alguns dos meus primos tinham muito dinheiro. Todo mundo parecia tá trocando de papéis.

Era como se a novela da família tivesse trocado de gênero – passado de uma comédia familiar ao redor de uma “Helena” no interior do Acre, por um banguê-banguê, sem que o roteirista tivesse justificado a virada direito.

Os atores eram os mesmos, mas a atuação deles não estava me convencendo mais. E tinha outra: se aqueles personagens tinham mudado da noite pro dia, o que me garantia que eu mesmo não podia acordar transformado?

E aí veio o Natal de 2016. Eu tinha acabado de terminar o ensino fundamental. Mas esse Natal marcou a minha entrada num mundo diferente. Depois de anos sem frequentar o sítio dos meus avós, a minha mãe tinha resolvido voltar a passar o Natal lá. Estava todo mundo no quintal, meus tios fazendo churrasco, minhas tias fuxicando... e a polícia invadiu.

Eu me abaixei. As minhas irmãs e as minhas primas mais novas estavam chorando. Aquele meu tio que tinha usado droga estava num período de reabilitação fugiu pra mata. Ele não devia nada pra polícia, mas tinha levado surra demais pra não ter medo.

Eu nem lembro direito o porquê de tudo aquilo. Ninguém foi preso naquele dia. Mas isso ficou na minha cabeça, junto com outros eventos que

começaram a acontecer cada vez mais. Tudo era mais confuso pra mim, porque eu era criança. Na verdade era pior ainda, porque eu estava deixando de ser criança.

E do mesmo jeito que eu não consigo lembrar direito quando foi que essa situação começou, o fim também não parecia tá no horizonte... E tudo que veio depois também foi assim: sem pé e nem cabeça.

Numa noite, eu estava assistindo alguma série no celular escondido da minha mãe, fingindo que eu estava dormindo, quando ouvi um barulho bem próximo. Parecia fogos de artifício, mas nem era dia de jogo. Era um tiro. Na frente da minha casa. Eu fiquei calado.

Eu ainda estava com medo do meu próprio "crime" ser descoberto – não era pra eu tá acordado, muito menos assistindo série. Mas depois de um tempo, o meu pai chamou todo mundo em casa pra ver. Um homem branco e loiro, de regata vermelha e um calção cinza, com um buraco enorme no meio da cabeça. Aquilo estava na cerca do meu terreno. Eu não dormi naquela noite.

Eu fiz uma pequena coleção de recortes enquanto eu estava escrevendo esse ensaio. Manchetes que foram pontuando essa virada da adolescência. Os primeiros anos do Ensino Médio. "Jovem é executado com oito tiros." (Esse foi o filho da vizinha.) "Homem é morto e decapitado, e a cabeça encontrada em cima de padrão de luz". (O padrão de luz – tipo um relógio de luz – ficava na rua depois da minha.) "Menino de 12 anos decapitado". (O menino em questão morava num bairro vizinho do meu. E era pouca coisa mais novo).

Parecia que essa virada tinha sido da noite pro dia. Eu fiquei me perguntando se o mundo sempre tinha sido assim, só eu que estava percebendo agora.

Mas não era só da minha cabeça. De 2011 pra 2016, a taxa de homicídios no Acre dobrou. No ano seguinte subiu mais ainda. O PCC e o Comando Vermelho estavam em guerra. E, de repente, isso estava no meu quintal.

Podia ser uma fábula do tipo que eu me contava embaixo da caixa d'água. Num reino distante, dois exércitos poderosos tinham se desentendido. E a consequência disso era que a batalha deles tinha chegado no meu fim de mundo.

Essa era a violência que vinha de fora. A de dentro me dava mais medo ainda. Tinha a tábuca com o meu nome escrito nela. Mas também teve a prima que foi pega beijando meninas. O pai dela bateu nela até quase matar. Ela teve que sair correndo de casa e tentar a vida em outro canto, em outra cidade.

Os traficantes ainda eram aceitos no almoço da família. Mas eu olhava pro que tinha acontecido com a minha prima e já não tinha certeza de que tinha lugar pra mim naquela mesa.

Não tem outro jeito de dizer: eu fugi de lá. Fugiu 600 quilômetros em linha reta, pro outro lado do estado. Rio Branco. É aqui que eu tô aqui hoje. E foi aqui que eu vi um filme que me lembrou um pouco o filme da minha família.

**Sérgio de Carvalho:** Teve uma crítica da Maria do Rosário, que é uma grande crítica de cinema brasileiro, que ela, em Gramado, ela ela chama de um filme óvni que pousa em Gramado.

**Victor Manoel:** Esse é o Sérgio de Carvalho, que dirigiu o filme Noites alienígenas. Simplificando, dá pra dizer que esse é o primeiro filme acreano da história. Na verdade, é o primeiro longa sobre o Acre, feito no Acre, a ir pro circuito comercial.

**Sérgio de Carvalho:** Primeiro longa-metragem do Acre para as salas de cinema, porque a gente tem uma produção aqui desde a década de 70, mas o primeiro filme pensado para salas de cinema.

**Victor Manoel:** É menos dramático dizer assim, né? Mas paciência. Talvez, mesmo com todos esses disclaimers, você esteja se perguntando: como assim, o primeiro filme acreano? O primeiro filme de um estado que existe desde 62?

**Sérgio de Carvalho:** Os meus amigos, quando eu tomei a decisão de vir morar aqui, acharam que eu estava maluco. "Cara, você acabou de se formar, cê trabalha com cinema. Como que você vai trabalhar lá?", e acho que foi a melhor decisão que eu tive na minha vida, assim.

**Victor Manoel:** O Sérgio é de São Paulo, mas mora no Acre há mais de 20 anos já. Ele produz principalmente documentários – alguns tão disponíveis nos streamings. E ele é um dos fundadores da Saci Filmes, uma produtora de audiovisual que fica aqui na capital.

**Sérgio de Carvalho:** Mas eu acho que essas narrativas amazônidas, elas precisam atingir mais o Brasil. Imagina, a gente é a maior parte do território brasileiro e a gente liga a TV na hora do almoço e está vendo sobre o trânsito da Marginal Pinheiros.

**Victor Manoel:** "Noites alienígenas", apesar do nome, é um filme bem pé-no-chão sobre a violência e o tráfico na periferia de Rio Branco. Várias imagens me deram um arrepiozinho de reconhecimento. Parecia que elas tinham



sido tiradas de dentro da minha cabeça. Eu contei isso pro Sérgio, e ele disse que já ouviu isso de outras pessoas daqui.

**Sérgio de Carvalho:** "Pô, eu tô me vendo ali, estou vendo meu vizinho ali".

**Victor Manoel:** As paisagens vistas da moto, os céus salpicados de papagaio – que é como a gente chama pipa e no meio disso tudo, tem os ETs.

**SONORA trecho Noites Alienígenas**

**Alê:** Eu tô falando abrir a cabeça, cara, abrir essa cabeça, porque tu – ó, Riva, tu tem que entender, cara, que dentro desse mundo tem outros mundos e dentro desses outros mundos tem outros mundos para mim.

**Victor Manoel:** Uma das primeiras cenas é de um traficante, o Alê, fazendo um discurso sobre a vida lá fora.

**Alê:** Machu Picchu, as pirâmides do Peru. Pra onde eu quero te levar? Tu acha que fomos nós que fizemos isso, não foi, brother!

**Riva:** Quem foi, então?

**Alê:** Alienígena, velho.

**Victor Manoel:** O Alê é um cara de uns cinquenta e tantos, sessenta e poucos anos, que trabalha com um rapaz chamado Riva. E, nessa cena, o Alê tá discursando sobre ETs que fizeram pirâmides, enquanto o Riva pinta um quadro com tinta spray.

**Alê:** Bora botar umas estrelas, planeta nesse céu preto ali, velho. O disco tá legal, mas... Porra, solidão do caralho aqui nessa terra.

**Victor Manoel:** Solidão do caralho aqui nessa terra. Eu senti essa solidão vendo o filme, vendo o Riva, que é uma imagem do que eu, em outro universo, em outra vida, talvez pudesse ter sido. O que a minha mãe tinha medo de que eu virasse. Um menino acreano que não consegue evitar a força gravitacional do tráfico. Quando ele tenta, já tá tarde demais.

**Sérgio de Carvalho:** Teve uma crítica que saiu que eu gostei muito, que ela perguntava muito: quem são os alienígenas? Será que é o diretor que que que está no Acre e não é do Acre? Será que a facção que não é do Acre chega abduzindo um território? É o indígena que tá na cidade?

**Victor Manoel:** Eu fiz essa exata pergunta pro Sérgio, mas ele não quis responder. Ele acha que é o espectador quem tem que decidir.

O pessoal da Rádio Novelo que estava fazendo essa história comigo tinha certeza de que a invasão alienígena eram as facções sudestinas que invadiram o Acre.

Mas eu ficava lembrando daquelas estrelas avermelhadas no velório da minha vó. Da sensação de tá no fim do mundo, na fronteira da galáxia. Se dava pra ver as estrelas tão bem lá em Cruzeiro, era fácil imaginar que elas conseguiam ver a gente também. E ouvir.

Acho que, no fundo, não dá pra separar as duas coisas. O extraterrestre do terrestre, os discos voadores das balas perdidas. O Acre continua sendo um alienígena dentro do território brasileiro. Eu me sentia um alienígena no meio da minha família. Aqui em Rio Branco, eu sou um estranho do interior. E, no

interior, eu também não me sinto em casa mais. O constante, de uns anos pra cá, tem sido a violência – que tá cada vez menos estranha. Cada vez mais familiar.

A maior mudança nesse tempo talvez tenha a ver com a solidão. De todas as coisas nessa equação, de todas as forças que estão em jogo, ela pode ser a mais fácil de mudar. O filme do Sérgio acaba rompendo um pouco dela. Levando o céu de Rio Branco pro resto do Brasil. E depois de passar boa parte da minha infância falando sozinho, agora eu tô aqui... falando com você.

---

**Branca Vianna:** Esse foi o Victor Manoel, colaborador do Rádio Novelo Apresenta. Obrigada por ficar com a gente até aqui.

Como sempre, a gente preparou material bônus pra você lá no site da Novelo, na página do episódio. Essa semana, tem umas fotos adoráveis da avó do Victor Manoel e dele pequenininho lá em Cruzeiro do Sul.

E, quando você tiver lá no nosso site, você pode aproveitar que tá por lá pra assinar a nossa newsletter – que, modéstia à parte, traz umas dicas culturais bem boas.

Se você quiser mandar uma sugestão de história pra gente, vai lá na seção do site onde diz "envie uma pauta". Lá a gente dá uma noção mais ou menos do tipo de história que a gente tá procurando.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations.

Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pela Luiza Silvestrini e pela Denise Ribeiro.

Nesse episódio, a gente usou música original do Kiko Dinucci, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais.

O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.